

Da margem à escrevivência: a memória ancestral na poesia de Conceição Evaristo

From Margin to Escrevivência: the Ancestral Memory in the Poetry of Conceição Evaristo

Autoria: Ana Beatriz dos Santos

 <https://orcid.org/0000-0001-5447-1981>

Coautoria: Amanda Fernandes Teixeira Cordeiro

 <https://orcid.org/0000-0003-4603-7661>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.187559>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/187559>

Recebido em: 21/06/2021. Aprovado em: 09/12/2021.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 10, n. 19, ago.-dez., 2021.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

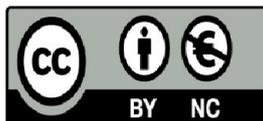
Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

Como citar (ABNT)

SANTOS, Ana Beatriz dos; CORDEIRO, Amanda Fernandes Teixeira. *Da margem à escrevivência: a memória ancestral na poesia de Conceição Evaristo*, São Paulo, n. 19, p. 291-318, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.187559>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/187559>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

da margem à escrevivência: a memória ancestral na poesia de conceição evaristo

From Margin to Escrevivência: the Ancestral Memory in the Poetry of Conceição Evaristo

Ana Beatriz dos Santos¹

Universidade Federal de São Paulo – Unifesp

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.187559>

Amanda Fernandes Teixeira Cordeiro²

Universidade Federal de São Paulo – Unifesp

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.187559>

¹ Graduanda em Letras, com habilitação Português e Francês (Licenciatura) na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/Unifesp). E-mail: ana.santos01@unifesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5447-1981>.

² Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) e professora adjunta na Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/Unifesp), campus de Guarulhos. E-mail: amanda.cordeiro@unifesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4603-7661>.

Resumo

A memória pode ser considerada a arma de resistência mais sutil dos negros da diáspora, pois foi por meio dela que sobreviveram a todos os processos de opressão e apagamento aos quais foram submetidos. Mediante à narrativa oral, que veiculava os valores da Mãe África, os afrodescendentes buscaram reconstruir uma memória através da negritude ancestral que não se perdeu na travessia do Atlântico. As memórias coletivas femininas presentes nas escrituras de Conceição Evaristo (re)tecem identidades racializadas que ganham corpo político nas margens geográficas, enquanto grupos diversos culturalmente. Nesse sentido, o presente trabalho discutirá a construção da margem como um lugar de resistência formadora de identidades marejadas de experiências subjetivas, gerando, em diferentes instâncias, discursos pungentes e emancipadores, característicos da literatura afro-brasileira.

Palavras-chave

Conceição Evaristo. Memórias ancestrais. Fragmentação. Escrivência. Identidades.

Abstract

Memory can be considered the subtlest resistance weapon of black people in the diaspora, because it was through memory that they survived all processes of oppression and erasure to which they were submitted. Through oral narratives, which conveyed the values of Mother Africa, the Afro-descendants sought to reconstruct a memory through ancestral blackness that was not lost in the Atlantic crossing. The collective female memories present in writings of Conceição Evaristo re(weave) racialized identities that gain political body in the geographic margins, as culturally diverse groups. In this sense, this paper will discuss the construction of the margin as a place of resistance that forms identities tinged with subjective experiences, generating, in different instances, poignant and emancipatory discourses, characteristic of Afro-Brazilian literature.

Keywords

Conceição Evaristo. Ancestral memories. Fragmentation. Escrivência. Identities.

Exu matou um pássaro ontem
com a pedra que só jogou hoje.

*Ditado da tradição iorubá*³

A língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade.

*Grada Kilomba*⁴

“Recordar é preciso”... Com essas simples, porém profundas palavras, através das quais também ecoam o poema “Navegar é preciso”⁵, Conceição Evaristo nos apresenta com o título do primeiro texto da obra *Poemas da recordação e outros movimentos*, de 2017. Dividido em cinco seções, o livro traz uma linguagem simbólica muito contundente quanto a real dimensão do negro brasileiro. A confluência temporal, certamente, é uma das mais marcantes questões das obras evaristianas. O passado, constantemente, é revisitado pela memória para tecer o presente. Este movimento permite (re)escrever a história da negritude no Brasil, resgatando, inclusive, a forma narrativa empregada pelo conjunto de organização social das comunidades africanas: a tradição oral. Utilizando-se da história coletiva, a poeta e escritora demarca seu compromisso em reconstruir uma imagem de negritude que não tem seu início na escravidão. Ela convida, por meio de sua poética tão fluida e emocional, as mais diversas “vozes-mulheres” para que reteçam, cada uma a seu modo, o grande lençol da vida.

Sem medo de mergulhar nas lembranças do passado, a poeta estabelece como material seu próprio corpo-história, “mirando-se no espelho do tempo” (EVARISTO, 2017, p. 38), concebendo a revisitação das memórias de infância para ajudá-la a compor as peças do mosaico que há na reconstrução de si como parte de algo muito maior. Da unidade fragmentada, para o encontro de um Todo... O material escolhido manifesta-se através de nuances, vozes do passado e pedaços de memória:

³ A filosofia iorubá foi trazida ao Brasil pelos escravizados da Costa Ocidental africana a partir do século XVI e constitui-se como uma das principais matrizes de fundação cultural da diversidade afro-brasileira. É resgatado no estudo a importância da preservação dos valores tradicionais propagados oralmente para a reconstituição da memória ancestral afrodiáspórica.

⁴ KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 14.

⁵ Leia o poema de Fernando Pessoa em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000001.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021. É importante ressaltar que esta afirmação de Fernando Pessoa recupera o pronunciamento realizado pelo general romano Pompeu, 70 a.C., em tentativa de estimular seus marinheiros.

Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia... (EVARISTO, 2017, p. 9, grifos da autora)

A menina Maria da Conceição Evaristo de Brito cultivou, no seu cotidiano humilde, oscilando entre a esperança e a ruína, o prazer pela escuta e pela observação das pequenas manifestações de literatura, que até então ainda lhe eram desconhecidas. O texto em prosa acima, que apresenta a primeira seção de poemas, sintetiza o viver poeticamente da autora. Ela parte de elementos simples, como “bacias”, “tinas das lavagens de roupa”, “lençóis”, “pedrinhas azuis”, “pedaços de anil” e a pureza mágica da água. Em “Recordar é preciso”, inicialmente aqui mencionado, a poeta náufraga se lança nas águas e reencontra um passado distante e próximo: “O movimento de vaivém nas águas-lembranças” (EVARISTO, 2017, p. 11, grifos nossos) – a água, elemento natural também frequente em suas narrativas, enfatiza a importância do gesto memorialístico no reestabelecimento da complexidade da existência. Sua produção marca os seus vários estágios, da infância à fase adulta. E traz com eles as muitas vozes que com ela conviveram e que a auxiliam na composição lírica do mosaico-história.

A escuta se caracteriza como a força vital da autora, pois, como relatado em algumas entrevistas, sua poética não se dá apenas a partir da sua voz e das suas experiências particulares, mas por meio das mais diversas vozes femininas com as quais teve contato nas andanças da vida. Com efeito, as histórias passam a se interpenetrar e em dado momento se diluem, devido a inconstância da memória humana. Ao passo que a particularidade é o ponto de partida da narração, a cumplicidade, fortemente marcada em toda poética, possibilita uma espécie de “univocidade feminina”, perspectiva apresentada por Heloisa Toller Gomes (2016) no prefácio da obra *Olhos d’água*.

A voz de Conceição Evaristo se relaciona intimamente com a de outros poetas e escritores que contribuem para a composição da literatura afro-brasileira, partindo do corpo-história. Conforme consta em *BrasilAfro autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea* (2010), de Miriam Alves, as reivindicações por uma literatura de cunho negro-brasileira se intensificaram durante o efervescente período em prol de mudanças, por volta da década de 1970. Estes autores foram movidos, em grande parcela, por movimentos sociais que buscavam recuperar a verdadeira historiografia brasileira, levando em consideração as manifestações culturais dos negros diaspóricos e dos nativos da terra, os indígenas.

A distinção que há entre os conceitos de literatura brasileira, canonicamente consagrada branca, e de literatura negro-brasileira, em que se compreende a diversidade dos corpos negros contra-hegemônicos, é um reflexo da recusa à norma dominante responsável por legitimar os valores a serem

considerados dentro do arranjo social, pois, historicamente, a noção de conhecimento está fortemente atrelada às relações de poder. Com efeito, estes discursos, ao se afirmarem como parte de uma etnicidade de origem africana, possibilitam a emancipação dos corpos negros, agora como agentes sociais. Isso reflete o que é ser negra(o) dentro de uma sociedade discriminatória, caracterizando-se, na maioria das vezes, como uma literatura de combate, porque a escolha de revelar o silenciado também é um ato político.

o paternalismo universal e a hierarquização de raças: uma perspectiva histórica

Nas sociedades em que vivem os negros da diáspora africana, as desigualdades e discriminações são marcas profundamente determinantes. O Brasil, herdeiro de séculos de colonialismo e dominação racial, perpetua valores preservados da ideologia supremacista branca europeia, mantendo, por meio da assimilação de parte da elite burguesa, o mito da democracia racial como um dos fundamentos culturais identitários do Estado-Nação. Caberia, então, a esta classe dominante, conforme defende o historiador e diretor do *Lemann Institute for Brazilian Studies, at the University of Illinois*, Jerry Dávila (2006), a tarefa de encontrar formas de livrar o Brasil do destino degenerado que a mistura das raças estava sugerindo⁶. Nesse sentido, o discurso da brancura foi construído de modo a associar-se aos ideais de valor, vigor e virtude cívica – reforçados por meio da depreciação de outros grupos. E o fortalecimento da literatura negro-brasileira se dá justamente nessa disputa de narrativas, visando destruir o preconceito construído socialmente há séculos.

É sabido que a distinção de raças, iniciada em meados do século XV, constituiu-se a partir da hierarquização de elementos binários contrastivos, ou seja, a classificação entre homens brancos e homens não brancos, concepção igualmente extraída da noção universalizante de paternalismo europeu. Desse modo, para apreender a denúncia efetuada pela literatura negro-brasileira, faz-se necessária a compreensão dessa ordem que sistematizou a divisão dos seres humanos por suas diferenças biológicas, tendo como fio condutor a noção eurocêntrica de mundo – justificando, assim, o tráfico negreiro nas Américas como uma espécie de redenção da maldição dos descendentes de Cam⁷, sob pressuposto religioso do Antigo

⁶ A noção do conceito “raça”, empregado neste trabalho, segue o pressuposto de ferramenta discursiva, construída socialmente e não como pseudociência institucionalizada, entre os séculos XIX e XX, amparado pela prática eugenista. Como registra o antropólogo Munanga, em discussão acerca dos usos e sentidos da negritude: “Se cientificamente a realidade da raça é contestada, política e ideologicamente esse conceito é muito significativo, pois funciona como uma categoria de dominação e exclusão nas sociedades multirraciais contemporâneas observáveis” (MUNANGA, 2020, p. 15).

⁷ Passagem do livro de Gênesis 9:18-25: “E os filhos de Noé, que da arca saíram, foram Sem, e Cam, e Jafé; e Cam é o pai de Canaã. Estes três foram os filhos de Noé; e destes se povoou toda a terra. E começou Noé a ser lavrador da terra e plantou uma vinha. E bebeu do vinho e

Testamento; o homem branco tendo a incumbência de civilizar estes selvagens (Kipling, 1899)⁸. Vale acrescentar que a lógica empregada da ideologia cristã foi recortada, provavelmente, do Novo Testamento d'*A Bíblia Sagrada*⁹, em que o homem, enquanto criatura divina, deveria temer, não a escravização do homem pelo homem, “e sim sua submissão às forças do mal” (MUNANGA, 2020, p. 27). Sobre esse fato histórico o autor escreve:

Na simbologia de cores da civilização europeia, a cor preta representa uma mancha moral e física, a morte e a corrupção, enquanto a branca remete à vida e à pureza. Nessa ordem de ideias, a Igreja Católica fez do preto a representação do pecado e da maldição divina. Por isso, nas colônias ocidentais da África, mostrou-se sempre Deus como um branco velho de barba, e o

embebou-se; e descobriu-se no meio de sua tenda. E viu Cam, o pai de Canaã, a nudez de seu pai e fê-lo saber a ambos seus irmãos, fora. Então, tomaram Sem e Jafé uma capa, puseram-na sobre ambos os seus ombros e, indo virados para trás, cobriram a nudez do seu pai; e os seus rostos eram virados, de maneira que não viram a nudez de seu pai. E despertou Noé do seu vinho e soube o que o filho menor lhe fizera. E disse: Maldito seja Canaã; servo dos servos seja aos seus irmãos” (*A Bíblia Sagrada*, 1995, p. 11). O livro revela em algumas passagens que o Egito foi terra de Cam, então alguns religiosos interpretaram e julgaram que a marca lançada por Deus para identificar os seus descendentes seria a cor da pele escura, remetendo, na simbologia das cores europeias, que os negros africanos seriam a extensão da maldição pós-dilúvio divino.

⁸ A atribuição que o homem branco tinha de guiar as populações não brancas à civilização partia da concepção teórica racial iniciada no naturalismo, em meados do século XVIII, e ganhou corpo na virada do XIX para o XX. De modo geral, as teorias embasavam seus estudos nas diferenças físicas e comportamentais como decorrência do meio ambiente ao qual o sujeito fazia parte, justificando, desse modo, como a condição racial se desdobrava no plano biológico, principalmente após a publicação da obra *A origem das espécies*, de Charles Darwin, em 1859, relacionando-se, concomitantemente, aos ideais de expansão imperialistas. Como resultado, as práticas racistas foram adotadas ideologicamente sob pretexto de que as demais sociedades, isto é, não europeias, eram atrasadas e cabia à branquitude levar os “valores do progresso econômico, do avanço científico, da ordem política liberal e do cristianismo” (FACINA, 2010, p. 2).

⁹ Passagem da epístola do apóstolo S. Paulo aos Romanos 13:1-5: “Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as autoridades que há foram ordenadas por Deus. Por isso, quem resiste à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a autoridade? Faze o bem e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz de balde a espada; porque é ministro de Deus e vingador para castigar o que faz o mal. Portanto, é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência” (*A Bíblia Sagrada*, 1995, p. 1116). Com base nesse texto, o homem europeu, apoderado pelo controle da virtude racional, que era própria da construção da branquitude, julgou-se no direito de se impor sobre as demais raças, redimindo-as por meio da conversão cristã, sob pretexto de ser “a imagem e semelhança de Deus”, conforme é relatado na passagem de Gênesis 1:26-28: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, conforme a nossa semelhança [...]” (*A Bíblia Sagrada*, 1995, p. 3). Em outras palavras, as potências colonizadoras assinaram, “em nome de Deus onipotente”, todos os feitos considerados por eles civilizatórios.

Diabo um moleque preto com chifrinhos e rabinho.
(MUNANGA, 2020, p. 26)

Portanto, sob as condições de exclusão as quais sobreviveram os negros da diáspora, provocou-se a construção de uma negritude ancestral de origem africana¹⁰, amparada pela memória fragmentada. Muitos se apegaram a essa construção simbólica para continuar vivendo em meio a tanta repressão e violência provocada pelo colonizador, mas não de maneira passiva, dado que diversas revoltas ocorreram durante esse longo período. Assim, a memória ancestral coletiva, com a qual a poética de Conceição Evaristo dialoga, configurou-se como resistência à cultura dominante.

No poema “Da conjuração dos versos” (2017, p. 87), constata-se a emoção com a qual a poeta imprimiu as palavras na estrofe. A seguir, lemos:

– nossos poemas conjuram e gritam –

O silêncio mordido
rebel e revela
nossos ais
e são tantos os gritos
que a alva cidade,
de seu imerecido sono,
desperta em pesadelos.

(EVARISTO, 2017, p. 87)

O ímpeto grito, que despertará a cidade, surge dos becos, das comunidades e dos escombros, ocasionando uma tensão entre as distintas realidades. Como é sabido, desde o Brasil Colonial, devido à legalização da escravatura e até depois de sua abolição, a principal força de trabalho neste território advinha da mão de obra escrava e muitas vidas foram soterradas durante a construção dos ilustres edifícios que persistem até os dias atuais. O Brasil, desde o seu “descobrimento” – na verdade, invasão –, adotou como política de crescimento o genocídio em massa. No documentário *AmarElo – É tudo pra ontem* (2020), um legítimo manifesto artístico, o *rapper* Emicida, ao tematizar o legado da cultura afro-brasileira, diz: “Não tem uma viga, uma ponte, não tem uma rua, um escritório, um prédio

¹⁰ Acerca desse conceito, o professor Munanga descreve que: “A *negritude* e/ou identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental ‘branco’ reuniu sob o nome de negros” (MUNANGA, 2020, p. 19, grifos do autor). O trecho é esclarecedor na medida em que delinea com precisão a maneira que a divisão racial imperou sobre os sujeitos racializados a partir da oposição à branquitude. Hoje, a categoria é reivindicada como forma de ressignificar o conceito que antes atraía conotação pejorativa para assumir de forma apropriada sua dimensão política, subjetiva e simbólica.

importante que não tenha tido uma mão negra trabalhando para estar de pé hoje”. Assim, ao resgatar, também, a contribuição negra para a construção do Theatro Municipal de São Paulo (e o marco que foi a criação do Movimento Negro Unificado nas escadarias do prédio), o ativista dialoga diretamente com a injustiça vivida pelos afrodescendentes, os quais não têm acesso ao espaço que seus antepassados construíram à base de muito sangue. E é sobre esse sono profundo que descansa a “alva cidade”, tendo seus centros econômicos ocupados por um pequeno círculo letrado, majoritariamente herdeiro dos antigos oligarcas que compactuaram para a desumanização dos escravizados – os mesmos que, no poema, são conclamados a uma insurgência capaz de acordar a cidade em “pesadelos”.

Esse despertar se dará com o grito, não apenas dos sujeitos vivos, mas de todo um coletivo injustiçado há séculos. Desde aqueles que nasceram na Mãe África, do “útero primeiro” (EVARISTO, 2017, p. 109), e foram arrancados brutalmente de suas terras e trazidos nos navios tumbeiros; àqueles que nasceram em solo brasileiro sob o jugo da escravidão; àqueles que vivenciaram a abolição, mas não a inclusão; àqueles que permaneceram em condições degradantes nas casas das perversas senhoras brancas e, enfim, àqueles que, colhendo os frutos de muita luta histórica, conquistaram determinados espaços antes relegados a uma pequena elite burguesa – e são esses mesmos lugares que, hoje, não por acaso, têm sofrido diversos ataques devido à presença dos antes completamente excluídos dos círculos sociais de reconhecimento.

Consonante ao papel emancipador assumido pela literatura negro-brasileira, Amanda Crispim Ferreira comenta, em sua dissertação de mestrado, que “é pela palavra que o negro emancipa-se e reassume o controle de sua vida, controle que lhe foi negado durante a escravidão e, após este período, por causa do preconceito e do branqueamento, passou de objeto a sujeito de sua escritura” (FERREIRA, 2013, p. 32). E é nessa potência que o discurso afrodiaspórico manifesta-se, pois, após séculos de silenciamento, o negro apropria-se do “direito de poder escrever a própria história, de poder compreender o negro por meio do olhar do próprio negro” (FERREIRA, 2013, p. 32). Poder falar sobre si, suas sensibilidades e subjetividades, coloca o sujeito racializado como protagonista da própria história, não enquanto objeto de análise refém do olhar do outro, mas porta-voz consciente da ruptura histórica que está estabelecendo com o ato. A memória aqui é o elemento de maior força na recuperação dessa afrobrasilidade herdeira dos valores da Mãe África, pois é na significação do movimento fluido entre passado e presente que se atribui um valor à memória e, conseqüentemente, à identidade do sujeito. Constatamos no poema “Da conjuração dos versos” o caráter proeminente de emancipação que a reapropriação da palavra desperta nestes sujeitos:

E não há mais
quem morda a nossa língua

o nosso verbo solto
conjugou antes
o tempo de todas as dores.

E o silêncio escapou
ferindo a ordenança
e hoje o anverso
da mudez é a nudez
do nosso gritante verso
que se quer livre.

(EVARISTO, 2017, p. 88)

Os instrumentos que mantinham os antigos escravizados silenciados, impedidos até mesmo de se alimentar, tal como os utilizados em Anastácia¹¹, hoje, são simbólicos e se estruturam profundamente com a intenção de manter a condição de subalternidade do povo negro. Mas ao assumir para si a palavra, que há pouco tempo ganhou nova forma, em seja qual for o regime de organização social, o verbo foi solto e não há quem possa deter a exposição das dores dessa realidade tão violenta. O “verbo solto” ecoa nos versos de Evaristo, deixa-se o “tempo das dores” e a poesia anuncia um movimento novo e contínuo em direção à liberdade.

A tradição ioruba, trazida ao Brasil por volta do século XVI, influenciou diretamente a cultura brasileira em toda sua amplitude, em especial na fundação das religiões de matrizes africanas. Nessa dimensão, o tempo adquire uma tonalidade diferente à construção ocidental. Aqui, Exu, o orixá mensageiro, princípio da existência, porta-voz e intérprete, segundo a *Enciclopédia brasileira da diáspora africana* (2005), de Nei Lopes, subverte o tempo de modo a não haver distinção entre passado e presente. Em outras palavras, a noção de tempo é reinventada. O tempo é cíclico. O passado integra o presente. Nessa perspectiva, o mítico da religião, fonte da qual Conceição Evaristo bebe e transparece em sua poesia lírica, estabelece a interconexão entre África, o “útero primeiro” (EVARISTO, 2017, p. 109) e a terra Brasil numa linha tênue, caracterizando a chamada cosmogônica natureza. Com efeito, através do esforço para (re)tecer a história a partir da fragmentação da memória ancestral por meio dos “labirintos da lembrança” (EVARISTO, 2017, p. 86), trazendo para primeiro plano a tradição oral, a poeta mergulha no sagrado como forma de resgatar as identidades brasileiras, revelando a sua própria história. Esse resgate é patente em, analisadas as nuances

¹¹ É importante mencionar a contribuição histórica que o artista carioca Yhuri Cruz trouxe ao ressignificar a imagem da escravizada, obra intitulada *Monumento à Voz de Anastácia* (2020). Para mais informações: <<https://vejario.abril.com.br/cidade/monumento-voz-anastacia/>>. Acesso em: 14 set. 2021.

nas próprias palavras selecionadas por Evaristo para compor seus poemas, “Da velha à menina”:

Houve um tempo
em que a velha me buscava
e eu menina, com os olhos
que ela me emprestava,
via por inteiro o coração da vida.

Houve um tempo em que eu velha
Houve um tempo em que eu menina...

(EVARISTO, 2017, p. 90)

Nessa passagem, a autora demonstra o movimento que faz quando se desapossa do “controle” temporal, abrindo mão da noção convencional a nós imposta para verdadeiramente integrar o seu passado ao presente, condensando a tenra idade à maturidade, quando já estão escritos em sua pele “o abecedário do viver” (EVARISTO, 2017, p. 91). Assim é a poética de Conceição Evaristo: sente-se, em seu subtexto, uma doce voz e uma sabedoria que surpreende.

percursos da escrivência

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1946. É a segunda dos nove filhos de Joana Josefina Evaristo Vitorino e Aníbal Vitorino. Sua infância foi marcada por diversas dificuldades econômicas, todavia, mesmo atravessando muitas privações, a esperança, contida nas narrativas ancestrais contadas por sua mãe, tias e tios, nunca abandonara seu lar. A literatura fez parte da criação da autora e esse fato contribuiu significativamente para que ela enxergasse a vida de maneira mais sensível, de modo que, posteriormente, seria a guardiã da voz de diversas mulheres silenciadas, minorizadas e estereotipadas dentro de uma sociedade de herança colonial. Na década de 1970, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde permaneceu até 2011, trabalhando como professora e concluindo com honrarias a sua tese de doutorado.

A escritora dedicou-se a estudar os aspectos da chamada literatura afro-brasileira de modo versátil, através da poesia, do romance e do ensaio. Ressalta-se, ainda, que o Brasil, mesmo sendo o país no qual se verifica o maior número de negros fora da África, apenas a partir dos anos 2000 legitimou as produções que refletiam a realidade do negro brasileiro como literatura. Assim, a autora, juntamente com outros escritores, trabalha no sentido de valorizar e perpetuar os elementos culturais da raça negra que contribuíram para a construção da diversidade brasileira.

Sob o eixo interseccional de raça, classe e gênero, a escritora e poeta busca retratar a realidade das mulheres negras e pobres brasileiras, institucionalmente silenciadas. Assim, por meio da escrita como forma de resistência, as mulheres (protagonistas em geral dos romances e contos de Conceição Evaristo) são firmadas enquanto sujeitos ativos socialmente. Em nota à introdução do livro de contos *Olhos d'água* (2016), a autora feminista Jurema Werneck escreve: “Nesta literatura, a palavra que é dita reivindica o corpo presente. O que quer dizer ação” (WERNECK, 2016, p. 14). A ação em Evaristo é vida, é a partir dela que constrói o conceito de escrevivência. O seu operador teórico consiste no reflexo da própria vivência e de outras/os, isto é, se trata de uma representação de um *locus* coletivo, ecoando as profundas vozes de comum ancestralidade. Na poesia “Inquisição”, é ilustrado o tom em que se dão as escrevivências. Nos versos seguintes, lemos:

Por isso prossigo.
Persigo acalentando
nessa escrevivência
não a efigie de brancos brasões,
sim o secular senso de invisíveis
e negros queloides, selo originário,
de um perdido
e sempre reinventado clã.

(EVARISTO, 2017, p. 109)

Ferreira assevera que a escrevivência diz respeito a uma “escritura que não tem a intenção de ser neutra, denúncia que não tem intenção de ser implícita, palavras trabalhadas, escolhidas, escritas para incomodar, mexer, transformar” (FERREIRA, 2013, p. 48), pois “Surge a fala de um corpo que não é apenas *descrito* mas antes de tudo *vivido*” (EVARISTO, 2005, p. 205, grifos da autora). Deste modo, as palavras da poeta emergem como denúncia ao modelo de vida ao qual os negros são submetidos, geração após geração, haja vista que não houve uma significativa mudança de cenário, apenas uma atualização dos métodos de opressão. Os descendentes dos antigos escravizados ainda continuam confinados a condições sub-humanas de (sobre)vivência.

Colocando-se em oposição aos controles hegemônicos, a literatura afro-brasileira emerge como espelho das experiências cotidianas dos sujeitos amontoados às margens da burguesia dominante, retratando a complexidade das realidades racializadas por meio da linguagem poética e fluida, conforme dissertam Ella Bispo e Sebastião Lopes (2018). Assim, novos discursos são produzidos a partir de um local comum de múltiplas realidades. Contudo, os descendentes dos antigos escravizados ainda não recebem visibilidade dentro do construto social, apesar de contribuírem significativamente para o contorno econômico. A invisibilidade, enquanto segregação não oficial, é formadora de identidades e comportamentos

que, alternando-se entre a ruína e a reconstrução, encontram um projeto político e estético na escrivência como recurso de emancipação, de acordo com Evaristo (2005). Nas palavras de Godoy e Melo (2017):

O corpo negro que há séculos vem sendo submetido a um apagamento constante, quando grita “Sou eu quem escreve!”, e faz questão de marcar o texto com seu corpo, marca-se no mundo, cria-se, liberta sua voz. (GODOY e MELO, 2017, p. 1289)

Simetricamente, a noção de escrita orgânica, presente no ensaio *Falando em línguas: uma carta para as mulheres do terceiro mundo* (2000), de Gloria Anzaldúa, renomada estudiosa da teoria cultural chicana, teoria feminista e teoria *queer*, contribui para a compreensão da escrita de Conceição Evaristo. Anzaldúa introduz, em um texto intimista e destinado a mulheres de cor que compartilham da mesma posição subalterna dentro do sistema capitalista – isto é, alvos da opressão interseccional –, sua dificuldade em expor a subjetividade enquanto matéria-prima da elaboração artística. Em toda sua vida, Anzaldúa fora ensinada a não manifestar suas opiniões no meio social, afinal, em que poderia contribuir “uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever?” (ANZALDÚA, 2000, p. 230). Contudo, a autora incita as mulheres a romperem essa barreira criada e herdada pelo colonialismo, escrevendo “com suas línguas de fogo” (idem, p. 235), “confrontando as próprias limitações” (idem, p. 231), a partir de suas experiências interiores, retratando “realidades pessoais e sociais [...] com sangue, pus e suor” (idem, p. 235).

Nesse texto, de forte cunho linguístico-emocional, fica explícita a posição da autora no sentido de impulsionar a narrativa dessas mulheres profundamente marcadas pela indiferença e pelo desamparo, incitando-as a falarem a partir de suas próprias condições, para que a concepção de que o poder da escrita está concentrado apenas nas mãos de poucos intelectuais seja derrubada.

No contexto brasileiro, a própria escritora Carolina Maria de Jesus é mais um exemplo de escrita transformadora, pois, apesar de ter sido catadora de papéis por boa parte de sua vida e ter retratado com pesares a realidade da favela do Canindé, na região Norte de São Paulo, é hoje considerada uma das vozes mais potentes de toda a literatura nacional. Em outras palavras, o papel social desempenhado por Carolina Maria não vetou seu apreço pela escrita e pela leitura, ainda que tenha encontrado muitos percalços pelo caminho. No mais, a realidade não estereotipada dessas mulheres é o portal para se ter a dimensão da literatura dos setores mais explorados no Brasil.

Correspondente ao tema citado acima, encontramos na poesia “Fêmea-fênix”, escrita em homenagem à Léa Garcia, o elemento fogo, sinalizador desse fortalecimento da narrativa feminina:

Abraso-me eu-mulher e não temo,

sei do inebriante calor da queima
e, quando o temor
me visita, não temo o receio,
sei que posso me lançar ao fogo
e da fogueira me sair inunda,
com o corpo ameigado pelo odor
da chama.

(EVARISTO, 2017, p. 28)

Nos versos apresentados acima, a poeta traz uma clara alusão à mitologia egípcia na imagem da fênix, posteriormente incorporada à mitologia grega ocidental. A simbologia da ave mítica estava no renascer das cinzas, após o período de combustão. A força da ave é incorporada à da mulher, em especial negra (“Abraso-me eu-mulher e não temo,” / “sei que posso me lançar ao fogo”). E mesmo enfrentando as mais diversas privações cotidianas, essa mulher sempre renasce “com o corpo ameigado pelo odor / da chama”. E virá ainda mais intensa, extraordinária e, acima de tudo, mais poética.

Nessa mesma perspectiva, em “Do fogo que em mim arde”, essa imagem de mulher-fênix novamente é evocada. Entretanto, a escrita aqui é coadjuvante desse processo. A mulher escreve com sua língua de fogo, porque ela mesma abriga essa chama:

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.

(EVARISTO, 2017, p. 84)

Neste poema, a mulher tem no fogo a sua força-motriz, “Sim, eu trago o fogo”. Segundo a lenda, as lágrimas da fênix poderiam curar qualquer ferida. A força-fogo da mulher negra está na sua resiliência, na sua resistência aos enfrentamentos. Por isto, a imagem das águas e das lágrimas parecem atravessar toda a escrita da autora em estudo, seja na poesia, seja na prosa. A dura pena de sua escrita é moldada pelo fogo, mas toda ela é só de lágrimas... águas que curam, águas que banham faces. Esse poderoso poder das lágrimas é uma presença marcante em *Olhos d'água*. E sua força é ainda mais genuína no conto que leva o mesmo nome do livro. Nele, “rios caudalosos” e “águas correntezas” (EVARISTO, 2016, p. 18) afloram dos olhos da figura materna no conto. Ao longo de todo o texto, o narrador procura se lembrar da cor dos olhos de sua mãe e, ao final, vem a constatação: “A

cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água” (ibidem). A lágrima definia aquela mãe, que tinha rios submersos em sua face: “Vi só lágrimas e lágrimas”, diz o narrador, no entanto, aquela mulher, símbolo da resistência negra, “sorria feliz”.

O renascimento, simbolizado nestas figuras, remete à potência inscrita nos corpos ressurgentes, portadores da “força motriz” (EVARISTO, 2017, p. 22). E nem mesmo a noite ousa adormecer nos olhos dessas mulheres:

A noite não adormecerá
Jamais nos olhos das fêmeas,
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.

(EVARISTO, 2017, p. 27)

O que há de mais belo nesses versos, além de tocarem na mais profunda sensibilidade – efeito que Evaristo consegue provocar com facilidade – é a sutileza com que acionam o protagonismo feminino negro. Esse protagonismo sempre esteve presente em toda história de resistência no Brasil, apesar de poucas mulheres terem sido reconhecidas. A presença feminina foi fundamental (e ainda é) para tudo que foi construído no Brasil. A luta do movimento negro não é recente e nem surgiu por volta da década de 1970, muito pelo contrário, ela se arrasta desde que o negro africano foi trazido para essas terras. A luta é milenar e só cessará quando o Brasil verdadeiramente vier a ser uma democracia, levando em consideração efetivamente os processos históricos que se deram neste território. O movimento é sempre regressivo, porque dentro da lógica temporal iorubá, os problemas do presente só serão solucionados quando os nós do passado forem desfeitos. É tudo verdadeiramente pra ontem, como sinaliza Emicida¹².

Na mesma vertente interpretativa, a configuração do modo operante hegemônico constituído de vários eixos define as estruturas de poder no meio social, no qual é designado a cada sujeito o espaço que lhe diz respeito e a sua delimitação. Por conseguinte, as noções de conhecimento acompanham a mesma lógica sistemática. Isto é ilustrado nas grades curriculares das grandes universidades brasileiras, por exemplo. Os conteúdos veiculados nesses espaços são uma continuação do domínio imperialista norte-americano e europeu entre os séculos XIX e XX, em que a política exploratória possibilitou a expansão territorial e o enriquecimento das antigas metrópoles coloniais. A noção contaminadora de

¹² AmarElo – É tudo pra ontem. Emicida. Direção: Fred Ouro Preto. Produção de Evandro Fióti. Brasil: Laboratório Fantasma, 2020. Netflix (89 min.).

progresso e racionalização dessas nações validou a noção de conhecimento a partir do ponto de vista do homem universal, tanto que, majoritariamente, os teóricos estudados em salas de aula das ex-colônias, como o Brasil, são homens cisgênero, brancos, europeus/estadunidenses e de meia idade. Os nomes destes teóricos podem até mudar, mas a figura e o papel social desempenhado por cada um deles é o mesmo, pois integram uma estrutura erudita violenta. E mesmo após o advento da “modernidade” – que também tem suas raízes nas vanguardas europeias, em especial advindas da França, as quais muito influenciaram o movimento estético-literário brasileiro – as vozes que vociferavam o rompimento da tradição canônica ainda partiam do mesmo lugar social. Os principais intelectuais brasileiros, citando caso análogo, eram burgueses e brancos, apesar da intenção de trazer elementos inovadores à literatura. Portanto, nas palavras da intelectual negra, dentro da lógica universal branca há uma repressora hierarquização que “determina *quem pode falar*” (KILOMBA, 2019, p. 53, grifos da autora), consoante à noção da crítica indiana Gayatri Spivak (2010).

As múltiplas linguagens utilizadas por Conceição Evaristo, marcadas por fortes variantes linguísticas, são reflexos das entrecruzadas identidades com as quais teve contato nas andanças da vida. Nesse sentido, esses sujeitos racializados são resgatados desses lugares censurados pela classe dominante e emergem como ato político às duras condições as quais lidam diariamente. Portanto, no sentido que lhe foi conferido pelas teóricas de cor (ANZALDÚA, 2000; KILOMBA, 2019) e aplicado aos versos da poeta, a diversidade de experiências existentes simboliza algo que apenas o oprimido vê e que deveria permanecer em silêncio dentro da estrutura, como defende Kilomba (2019, p. 55) e a recusa desse silenciamento prescrito pelo colonialismo “cria um novo discurso com uma nova linguagem” (idem, p. 58). Nesse lugar de disputa se encontram muitos escritores da literatura negro-brasileira que se utilizam do poder da fala para assumir uma posição de combate, tanto à estrutura hegemônica no interior das academias quanto à noção mais abrangente do papel social desempenhado pelos negros. Encontramos na poesia “Inquisição” a potência no discurso dos subalternizados a partir da experiência da existência negra. Abaixo o trecho do poema:

Enquanto a inquisição
interroga
a minha existência,
e nego o negrume
do meu corpo-letra,
na semântica
da minha escrita,
prossigo. (EVARISTO, 2017, p. 108)

Ao recuperar o próprio conceito de “inquisição”, a autora instiga no leitor o movimento de resgatar na história o processo em que se deu a ordem religiosa de

repressão. Nessa linha interpretativa, a escolha por equipará-lo à realidade constante do negro provoca uma sensação psicológica de muita angústia, porque a inquisição católica teve seu fim em 1821, mas a perseguição contra os sujeitos negros se estende desde o século XVI. Contudo, mesmo com todos esses controles sociais, a poeta não se desvencilha da significação que há no seu corpo-história-poesia porque não carrega em si apenas suas particularidades, mas toda uma história coletiva.

Outro fato importante a ser considerado nessa recusa do silenciamento é que esses discursos colocam por terra a menor possibilidade de se conceber uma democracia racial no Brasil, pois se as pessoas são discriminadas por conta da cor de sua pele é porque não há uma harmonia, e sim uma ilusão, uma farsa muito conveniente para os que permanecem nos espaços de controle social – e essas pessoas, ironicamente, partem do local comum já mencionado. A democracia racial só serve para mascarar as profundas desigualdades que assolam os negros e indígenas nesse território autoritário. Como bem vocifera Lélia Gonzalez (1935-1994) em um discurso veiculado no documentário *AmarElo* (2020), para que este país seja uma verdadeira democracia racial é preciso que antes venha a ser uma democracia.

a (re)construção identitária do negro na diáspora

Coextensiva à (sobre)vivência, os percursos da memória nas obras evaristianas possuem destaque especial, dado que foi por meio da memória que os negros escravizados reconstruíram uma negritude ancestral de origem africana, formando uma cultura de exílio, refazendo a sua identidade de “emigrante nu”, já que chegaram à América “despojados de tudo, de toda e qualquer possibilidade, e mesmo despojados de sua língua” (GLISSANT, 2005, p. 19), destituídos da dignidade humana, nomes, status e de seus grupos sociais, assim, garantindo ao colonizador que não haveria um traço de “herança africana” (HOOKS, 2020, p. 43) que os pudesse firmar em uma identidade étnica¹³. A separação dos grupos étnicos fazia parte da lógica de dominação, pois para não haver contato e possíveis retaliações por parte dos setores oprimidos, o colonizador rompeu as relações, principalmente linguísticas, entre as comunidades, dispersando-as. Assim, em novo território e longe dos que compartilhavam a mesma língua – dado que ainda hoje

¹³ Munanga recupera o conceito referido argumentando que: “O conceito de identidade recobre uma realidade muito mais complexa do que se pensa, englobando fatores históricos, psicológicos, linguísticos, culturais, político-ideológicos e raciais” (MUNANGA, 1988, p. 143-146). Nesse sentido, a concepção abrangente do autor auxilia a captação máxima do conceito, permitindo relacionar fatores tanto internos, quanto, principalmente, externos. Vale ressaltar que todo esse processo foi permeado de muita resistência e manifestações, pois, apesar do forte controle social, essa ferramenta acabou fortalecendo a então classe subjugada negra escravizada e concentrando suas energias para a libertação dos seus semelhantes.

persiste o imaginário de que todo o continente africano se resume a uma língua e a uma cultura, distorção também ancorada na redução das colônias africanas¹⁴ –, a memória teve de se impor contra todo o regime de desumanização.

Consoante ao pressuposto apresentado, a importância da reflexão acerca do privilégio da língua se mostra pertinente, pois cabe resgatar que o sujeito é formado através desse conteúdo simbólico norteador. Por conseguinte, é através dela que as visões de mundo sobre a realidade são construídas, assim como é configurada a noção de pertença do sujeito no mundo, conforme discute a intelectual *drag queen* Rita Von Hunty¹⁵. A língua, cujo desenvolvimento está intimamente condicionado à evolução dos falantes, reflete códigos linguísticos que carregam processos históricos antecedentes à participação do indivíduo no meio social, por isso há um consenso no campo da psicanálise de que as identidades são forjadas no interior desse meio. No entanto, com a transformação do modo de vivência, isto é, de um regime de organização tradicional para o modelo escravocrata, juízos de valor foram impostos à linguagem social mediante o processo histórico imperativo. Por consequência, as identidades atreladas às trajetórias históricas foram apagadas violentamente, comprometendo, de maneira inevitável, a existência desses sujeitos no mundo. A temática apresentada no artigo da professora Margarida Petter, do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, acena ao fenômeno quando escreve que: “A linguagem verbal é, então, a matéria do pensamento e o veículo da comunicação social. A linguagem é relativamente autônoma; ela é orientada pela visão de mundo, pelas injunções da realidade social, histórica e cultural de seu falante” (PETER, 2002, p. 11). Contudo, no contexto de transformação no modo de vida e de organização social, a linguagem se viu comprometida no resgate de valores culturais que haviam sido arrancados da Mãe África mediante a travessia forçada dos sujeitos no Atlântico rumo ao desconhecido.

Nas palavras de Ferreira, a memória tem a capacidade de “recordar o vivido, o experimentado, o passado, capacidade de apreendê-lo, filtrá-lo, revivê-lo, refazê-lo ou conservá-lo” (FERREIRA, 2013, p. 18). Nesse sentido, a memória se constituiu como uma das principais ferramentas de resistência contra o regime escravista da Colônia, por meio da qual a oralidade possibilitou a transmissão de elementos culturais e a (re)construção de suas identidades como parte de uma história que não tinha início na escravidão, como ainda hoje os livros de história do Brasil insistem em reiterar. A representação da pluralidade de identidades sociais na literatura não apenas questiona a configuração do cânone, mas permite a formação da autoestima de grupos não antes retratados, conferindo-lhes dignidade, respeito e valorização, de modo a fortalecê-los. Grada Kilomba escreve ainda: “uma

¹⁴ O contato com o mundo Ocidental mediante a colonização forjou uma imagem distorcida de toda a África, de modo que as particularidades do continente fossem condensadas em oposição ao modelo de produção capitalista europeu, reforçado pela consolidação do liberalismo.

¹⁵ Linguagem neutra @Elle Brasil. Entrevista pertencente ao vídeo produzido no mês da diversidade, a convite da revista Elle Brasil. 7 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WAZsxxMMIIM>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

sociedade que vive na *negação*, ou até mesmo na *glorificação* da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas” (KILOMBA, 2019, p. 13, grifos da autora). Logo, as composições poéticas que se utilizam da memória não oficial enquanto resgate da identidade cultural por meio da fragmentação das narrativas orais (re)costuram a rede nacional que há séculos está desfiada. No poema “Na mulher, o tempo...” é esboçado na linguagem poética a condensação do tempo na convergência das “vozes-mulheres”, expressões do laço ancestral para Evaristo.

não mais só,
recolheu o só
da outra, da outra, da outra...
fazendo solidificar uma rede
de infinitas jovens linhas
cosidas por mãos ancestrais
e rejubilou-se com o tempo
guardado no templo
de seu eternizado corpo.

(EVARISTO, 2017, p. 39)

Consciente de que sua voz não é solitária, a poeta cose vagarosamente com outras mulheres o lençol da negritude, contemplando nuances de tempos não vivenciados, mas integrantes de modo geral da grande rede de relações. Com efeito, a estética da poética de ação política da literatura negro-brasileira evaristiana se coaduna “à situação histórico-social da mulher negra no Brasil” (SANTOS, 2018, p. 41). Assim, as narrativas recorrem aos fragmentos da memória para marcar a força das identidades ancestrais criando um movimento fluido no tempo “a protagonizar as lutas do presente, que se alimenta do passado para recriá-lo, reescrevê-lo, processá-lo como elemento de luta” (FIGUEIREDO, 2009, p. 66), evidenciando que as personagens inspiradas em pessoas reais se constituem inteiras quando reconhecem que sua trajetória não é própria, mas um *continuum* de uma história coletiva.

Nos versos da poesia “A roda dos não ausentes”, Conceição Evaristo expressa que não se constitui enquanto sujeito uno, mas parte de um conjunto de vozes que ecoam ancestralidade:

Há tempos treino
o equilíbrio sobre
esse alquebrado corpo,
e, se inteira fui,
cada pedaço que guardo de mim
tem na memória o anelar
de outros pedaços.

(EVARISTO, 2017, p. 12)

Assim, a(s) identidade(s) dessa(s) mulher(es), enquanto sujeitos integrados, é esculpida a partir do reconhecimento da fragmentação da chama negra que ressoa desde os tempos do negreiro, que “nos pedaços uns dos outros. [São] Inteiros” (EVARISTO, 2017, p. 12). A reconstituição parte do corpo, o qual é letra e é história. E cada pedaço que se reconstitui desse passado (porque é construção coletiva) “anela”, anseia por todas as outras partes. Os fragmentos se organizam para uma busca ancestral. Nessa passagem, a autora como que nos diz: o processo de reconstrução desse passado é também a busca de si mesmo e, só assim, será possível lançar pontes a outras vozes, de homens e mulheres...

Dentro do movimento de coser a rede, encontra-se na terceira estrofe do poema “Do velho ao jovem”, a relação entre o girar da roda evocando vozes do passado integrando-se no presente, numa espécie de fluxo contínuo e cíclico. Novamente aqui, indiretamente, é resgatada a presença da divindade que principiou a existência, desafiadora da noção linear da escala do tempo. A memória, posto isso, é a razão pela qual as vozes ancestrais permanecem ecoando, ainda com mais força e vida, reforçando o intenso grito de liberdade que está presente nas entranhas do povo negro.

Nas mãos entrelaçadas
de ambos, o velho tempo
funde-se ao novo,
e as falas silenciadas
explodem.

(EVARISTO, 2017, p. 91)

Adiante, na poesia “Vozes-mulheres”, é visível o movimento do tempo na narrativa feminina. Ecoando, de geração a geração, as memórias carregadas de pesares, respectivamente da época do negreiro, da escravidão e do pós-emancipação, as vozes-mulheres irrompem as violências acumuladas, ansiando com ímpeto o grito da verdadeira libertação do povo negro. Uma libertação que não se dê por meios políticos convenientes, tal como em 1888, mas uma liberdade que garanta direitos humanos efetivos. Nesse poema, lemos:

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(EVARISTO, 2017, pp. 24-25)

Nas palavras de Ferreira: “O verbo ecoar, que aparece em todas as estrofes, perpassa por todos os séculos; nesse sentido, podemos afirmar que isso simboliza o movimento para que essas memórias não caiam no esquecimento” (FERREIRA, 2013, p. 44). Posto isso, o fluxo metafórico de visitar a bisavó, matriarca da linhagem, e a avó, que aprendeu da última a importância da narrativa oral e ensinou a filha, fomenta nas novas gerações o anseio de não deixar a história real adormecer sob o leito do palimpsesto brasileiro – um mar de histórias foram apagadas e Evaristo aponta o caminho de sua reconstituição através da poesia e da ficção. Ao

reivindicar constantemente uma revisão histórica, o eu-lírico incumbe à garota a responsabilidade de vociferar em nome de todas as vozes silenciadas há séculos e que encontram no futuro a esperança de serem ouvidas.

Na medida em que o ressoar das vozes parece encontrar na filha da autora potência de vida e novas perspectivas, ocorre uma espécie de inquirição. Ela confronta os ideais de democracia racial: “Na voz de minha filha / se fará ouvir a ressonância / O eco da vida-liberdade”, pois há um imaginário de que as raças convivem harmoniosamente no Brasil e não há discriminação de qualquer espécie no “paraíso racial”, como afirmam os teóricos brasileiros do início do século XX. No entanto, a realidade vivida pelas identidades marginalizadas da população não confirma essa idealização, muito pelo contrário, a história desses sujeitos racializados é acompanhada de muita luta, pois, desde o tão aclamado evento da Abolição da Escravatura, que possuía um discurso inovador-conservantista de liberdade, os negros foram abandonados pelo Estado brasileiro e continuam ainda sendo hoje alvos das piores atrocidades do sistema pós-colonialista. Em outras palavras, os métodos de opressão apenas atualizaram-se. Os grilhões são outros. Em “Certidão de óbito”, encontramos versos que dispensam comentários adicionais. Lembram a música “Ismália”, de Emicida (2019), a qual elucida bem a diferença existente entre “pele alva e pele alvo”: “A certidão de óbito, os antigos sabem, / veio lavrada desde os negreiros” (EVARISTO, 2017, p. 17).

A representação da ancestralidade, nas poesias evaristianas, passadas de geração a geração pelas memórias subterrâneas, não permite que caia no esquecimento a desumanização provocada pelo colonizador. E que toda história pungente, de duração de mais de 400 anos, seja submetida à “Memória Oficial, no caso a memória nacional” (POLLAK, 1989, p. 2). A documentação da história, por parte do lado beneficiado, isto é, triunfante, é uma questão a ser refletida, pois é sabido que a história mundial é escrita sob a ótica do vencedor, mas as consequências desse ato, que normalmente são acompanhados de genocídios, exploração e escravização de seres humanos, deve colocar em cheque quais impactos surtiram nesses outros sujeitos, dado que integram como qualquer outro o meio social. Em outros termos, a divisão da cor da pele “vitoriosa” e a “derrotada/dominada” é mais um princípio hierarquizante de raças na sociedade, que não é neutra. Na verdade, nenhum espaço é, pois são marcados pelas intensas disputas. A construção da categoria “neutra” é mais um indicativo reforçador da subordinação dos *Outras/os*, pois, nas entrelinhas, o princípio norteador permanece privilegiando o lado dominante.

No poema “Todas as manhãs”, o efeito de repetitividade, no início de cada uma das três estrofes: “Todas as manhãs...”, traz por meio do eu-lírico feminino uma dimensão histórico-social de exercício da memória através da qual busca-se uma reconhecença na alteridade. Além de ser uma ferramenta muito comum à poesia lírica, segundo Staiger (1997), a repetição e sua musicalidade representam uma busca de unidade, a reunião de fragmentos, caracterizando muito bem a poética em estudo que se concentra, essencialmente, na recordação. A seguir, lemos:

Todas as manhãs junto ao nascente dia
 ouço a minha voz-banzo,
 âncora dos navios de nossa memória.
 E acredito, acredito sim
 que os nossos sonhos protegidos
 pelos lençóis da noite
 ao se abrirem um a um
 no varal de um novo tempo
 escorrem as nossas lágrimas
 fertilizando toda a terra
 onde negras sementes resistem
 reamanhecendo esperanças em nós.

(EVARISTO, 2017, p. 13)

A posição saudosa da poeta, marcada pela “voz-banzo”, diante de mais um raiar do sol, é carregada de fortes emoções, as quais oscilam nos transversos profundos entre angústias, esperanças e tensões. O resgate dos sonhos se fará em uma terra fertilizada de memórias e atualiza a enunciação constante das vozes que se arrastam no movimento dos séculos. Imagens como “lençóis da noite” e “num varal de um novo tempo” nos remetem ao poema anteriormente analisado. Nele, a voz da mãe da poeta, debaixo das trouxas de roupas sujas das casas dos “brancos”, representando também o trabalho doméstico e subalterno que a esperava, “ecoou baixinho revolta”. Contudo, em “Todas as manhãs”, os lençóis já estão limpos e estendidos, como se a mancha do pós-emancipação, a qual ainda prendia os negros aos grilhões, caísse por terra irradiando o novo dia que se abriria “no varal de um novo tempo”. A esperança é simbolizada pelas sementes negras, elas resistem e a liberdade guia os corpos anteriormente marcados pela opressão.

(re)tecendo algumas considerações finais

A crítica social e racial parte do processo histórico de construção de uma sociedade hierarquizada, que, estrategicamente, definiu o privilégio a determinados grupos e a exclusão a outros, gerando profundas marcas de desigualdades no interior do país. Nessa balança desigual, pesa-se sobre os descendentes dos escravizados a extrema marginalização e discriminação, perpetuando a violência como parte essencial do funcionamento do sistema pós-colonialista.

Nesse contexto, é imprescindível ressignificar a projeção de negritude enquanto o *Outro* da branquitude, pois, como observa Kilomba (2019), negritude simboliza estar fora do lugar, mas cabe a questão: até quando apenas uma única forma de produção autoproclamada “universal” será validada? Pois é sabido que a

categoria universal é bastante ambígua pelo fato de não englobar os conhecimentos oriundos de grupos marginalizados. A barreira ideológica construída socialmente procura ocultar o que “não deve ser visto e falado”, pois o sistema hegemônico está fundamentado sobre as profundas desigualdades sociais e levar ao conhecimento de todos a estratégia do colonizador/dominador é comprometer toda lógica de hierarquização colonial, conforme assegura Munanga (2020). Portanto, nas palavras da escritora e professora engajada bell hooks: “a margem é tanto um local de repressão quanto um local de resistência” (KILOMBA, 2019 apud hooks, 1990). Assim, o fortalecimento dos discursos contra-hegemônicos, tal como a escrevivência de Conceição Evaristo, simboliza uma ruptura na projeção sobre os agentes sociais. Transformando, dessa forma, sujeitos passivos em ativos, de maneira que a negritude, no sentido conferido pelo *rapper* brasileiro Emicida, corresponderia a potência e não a tragédia.

A análise aqui empreendida teve como enfoque ponderar sobre os percursos da memória atrelados à perspectiva histórica de mundo, trazendo para o debate a importância da poesia para a reconstrução das trajetórias silenciadas pelo sistema de exclusões. Ao escolher tornar as próprias mulheres negras brasileiras protagonistas de suas histórias, Conceição Evaristo cristaliza a participação feminina nos espaços de poder de fala e, com seus sensíveis versos, incita outras mulheres para que venham participar da experiência da alquimia. De saborear cada palavra. De degustar o conjunto de significados até saciar-se e fazer-se corpo-político, denunciando a dura realidade com a qual cada uma lida. Na mesma vertente interpretativa, uma não anulando a outra, é dar o poder de fala a quem quer registrar os laços afetuosos vividos com as mulheres da família, reconhecendo a riqueza que há na recuperação das memórias compartilhadas no Elo coletivo. É recobrar as melodias cantaroladas pela avó enquanto trançava os cabelos quando ainda era menina. É perceber o cuidado no regar das plantas. É a arte contida na costura das roupas. É identificar nos momentos mais íntimos a poesia, assim como recuperou a escritora suas memórias de infância com a mãe.

O papel da memória é de grande relevância sentimental e histórica, pois, por meio das narrativas orais, os ancestrais permanecem vivos nas gerações e com suas forças levantam seus descendentes rumo a um futuro repleto de esperança. No mais, a escrevivência de Conceição Evaristo rompe com a narrativa unilateral hegemônica e traz para a superfície as vozes silenciadas, pois a autora, apesar de ter alcançado com muito esforço o seu papel social e ampla visibilidade, ainda permanece sendo um corpo racializado, um corpo que faz parte da massa marginalizada. Esse lugar de onde a autora parte é fundamental para a narrativa verossímil da condição da mulher negra no Brasil, sem romantizações por parte de uma elite que busca harmonizar os corpos. Portanto, a ressurgência de uma verdadeira escrevivência (re)tece não apenas a história social dos negros, mas também suas ímpares individualidades como discursos políticos e identitários. Ao poeta carioca Nei Lopes são dedicados os seguintes versos, mas estas mesmas

palavras, aqui evocadas, também nos encorajam de modo a persistirmos na luta e na esperança “de um novo tempo” (EVARISTO, 2017, p. 13). A seguir, lemos:

Cremos.
O anunciado milagre
estará acontecendo.
E na escritura grafada
da pré-anúnciação,
de um novo tempo,
novos parágrafos
se abrirão.

Cremos.
Na autoria
desta nova história.
E neste novo registro
a milenária letra
se fundirá à nova
grafia dos mais jovens.

(EVARISTO, 2017, pp. 65-66)

O movimento de superação e reconhecimento oriundo da força da memória ancestral embutiu nos afrodescendentes um legado, o qual permitiu a criação de uma cultura rica em que se conservou as tradições africanas, permitindo-os reescrever a história brasileira. Contudo, reconhecer não é suficiente. Não é admissível que uma nação tão heterogênea como o Brasil não tenha representação coletiva nos espaços de poder. E, partindo do princípio iorubá de que a existência se dá no coletivo, é preciso que o Elo seja firmado enquanto categoria unificadora, para isso, o verbo “Amar” deve ser o eixo orientador. A riqueza brasileira está na diversidade e não tem como compreender os “Brasis” sem o vanguardismo negro, sem recuperar “A voz do morro” (1994), sem (re)tecer os percursos da memória no movimento “vaivém das águas” no berço da ancestralidade e sem levar em consideração suas tradições culturais. De maneira geral, a arte do mosaico ilustra bem o arranjo cultural brasileiro que, apesar de suas particularidades, é na união, na unidade dos materiais fragmentados, que o símbolo é revelado. É no *AmarElo* que rebobinamos a potência da história negro-brasileira.

referências bibliográficas

A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rev. e cor. no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

ALVES, Miriam. *BrasilAfro autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

ANZALDÚA, Gloria. “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1., pp. 229-236, 2000.

BISPO, Ella; LOPES, Sebastião. “Escrevivência: perspectiva feminina e afrodescendente na poética de Conceição Evaristo”. *Revista Língua & Literatura*, v. 35, n. 20, pp. 186-201, 2018.

DÁVILA, Jerry. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil – 1917-1945*. Tradução de Cláudia Sant’Ana Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. “Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face”. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária – UFPB, 2005, pp. 201-212.

FACINA, Adriana. “De volta ao fardo do homem branco: o novo imperialismo e suas justificativas culturalistas”. *Revista História e Luta de Classes*. Ano 1. n. 2, 2010.

FERREIRA, Amanda Crispim. *Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira*: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte – Minas Gerais, 2013.

FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues de. *A mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte – Minas Gerais, 2009.

GODOY, Maria Carolina de; MELO, Henrique Furtado de. “(Re)tecendo os espaços de ser: sobre a escrevivência de Conceição Evaristo como recurso emancipatório do povo afro-brasileiro”. In: V SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. *Simpósio 3 – Literatura em trânsito: em viagem à casa do outro*, 2017. Anais. Lecce: Università del Salento, pp. 1285-1304.

GOMES, Heloisa Toller. Prefácio: “Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro”. In: EVARISTO, Conceição. *Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016, pp. 9-11.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HOOKS, bell. *E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo*. Tradução de Bhuvi Libanio. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Ilustração Vinicius Rossignol Felipe. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KIPLING, Rudyard. “O fardo do homem branco”, 1899. Disponível em: <https://pt.wikisource.org/w/index.php?title=O_fardo_do_Homem_Branco&oldid=394429>.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

MUNANGA, Kabengele. Construção da identidade negra: diversidade de contextos e problemas ideológicos. In: CONSORTE, Josildeth Gomes; COSTA, Márcia Regina da (Orgs.). *Religião, política, identidade*. São Paulo: Educ-séries Cadernos PUC, 1988. p. 143-146.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 5. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

PETTER, Margarida. “Linguagem, língua e linguística”. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à Linguística I: Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002, pp. 11-24.

PESSOA, Fernando. *Navegar é Preciso*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000001.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2021, p. 1.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, pp. 3-15, 1989.

SANTOS, Mirian Cristina. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

TINOCO, Pedro. “A imagem da mulher negra com grilhão no pescoço e mordaca está diferente”. Monumento à Voz de Anastácia. *Veja Rio*. Rio de Janeiro, 14 ago. 2020. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/cidade/monumento-voz-anastacia/>>. Acesso em: 14 set. 2021.

WERNECK, Jurema. “Introdução”. In: EVARISTO, Conceição. *Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016, pp. 13-14.

produção audiovisual consultada

AMARELO – *É tudo pra ontem*. Emicida. Direção: Fred Ouro Preto. Produção de Evandro Fióti. Brasil: Laboratório Fantasma, 2020. Netflix (89 min.).

EMICIDA. Ismália (feat. Larissa Luz e Fernanda Montenegro). *AmarElo*. Compositores: Emicida, Renan Samam, Nave Beats. São Paulo: Laboratório Fantasma e Sony Music, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4pBp8hRmynl>>. Acesso em: 27 ago. 2021.

KETI, Zé. *A voz do morro*. Intérprete: Jair Rodrigues. In: RODRIGUES, Jair. *Viva Meu Samba*. Brasil: Movieplay, 1994. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sBcqZxQheSI>>. Acesso em: 26 ago. 2021.

TEMPERO DRAG. Linguagem neutra. Entrevista pertencente ao vídeo coluna sobre o mês da diversidade a convite da revista Elle Brasil. 7 jun 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WAZsxxMMIIM>>. Acesso em: 20 jun 2021.